

MONTEIRO LOBATO E O NACIONALISMO LINGÜÍSTICO

SHIRLEY CABARITE DA SILVA
(Universidade de São Paulo-USP)

O objetivo desta pesquisa é descrever as idéias do escritor Monteiro Lobato sobre língua, durante a primeira metade do século XX, considerando a celeuma nacional sobre essa questão, ocorrida durante o século XIX e início deste. No século XIX, para terem suas obras aceitas, os escritores eram obrigados a utilizar a língua portuguesa de Portugal, e não a de uso efetivo pelo povo brasileiro. José de Alencar relutou contra tal obrigatoriedade, recuperando do linguajar cotidiano algumas expressões e colocações pronominais. Fora criticado e se defendeu, consultando os livros de filologia da época.

Monteiro Lobato é criticado justamente porque escreve nos moldes de Portugal. É acusado (e realmente num momento de sua vida o faz) de imitar Camilo Castelo Branco. Agora, em oposição ao século anterior, para ser aceita uma obra, ela deve se distanciar da língua portuguesa de Portugal, buscando nas expressões de uso no Brasil, sua representatividade. Isso desencadeia grande confusão e polêmicas intermináveis, chegando alguns a acreditarem na existência de duas línguas: uma portuguesa e uma brasileira. Havia até mesmo a idéia de se fazer a gramática da nova língua.

Para tratar desse assunto, este trabalho baseia-se na História das Idéias Lingüísticas e na História das Mentalidades. Estas disciplinas possuem pressupostos afins como, por exemplo, o de descrever a influência de formas de mentalidade sobre outra, considerando o contexto sócio-cultural onde essas idéias germinaram. Para tratar do tema proposto, o procedimento utilizado é o da análise de uma pequena parte dos arquivos, constituídos por cartas de Lobato endereçadas a amigos, entrevistas dadas a jornais e prefácios de obras literárias da época.

De acordo com Köerner (1972), História das Idéias Lingüísticas vale-se do fato histórico, descrevendo-o de forma a priorizar o desenvolvimento das idéias ou teorias, não dando excesso de relevância às datas como tradicionalmente se faz. Swiggers (1990) acredita que a Historiografia Lingüística é a escritura primeira - utiliza-se de documentos para constituir o percurso dos acontecimentos. A História do Pensamento ou Idéias Lingüísticas é a reflexão sobre essas histórias, não incluindo apenas a prática e a teoria da História da Gramática e da Lexicografia, mas também a História de atitudes de policiamento da linguagem, da Semântica Lógica e dos relatos religiosos. Dessa idéia partilham Köerner (op.cit.) e outros estudiosos.

A História das Mentalidades apresentada por Le Goff (1988) diferencia-se da História das Idéias Lingüísticas apenas no que respeita ao seu campo de ação, que parece ser mais abrangente. Le Goff defende que o objeto do estudioso da mentalidade é o coletivo. A mentalidade de um indivíduo histórico, sendo esse um grande homem, é justamente o que ele tem de comum com outros homens de seu tempo. Posicionam-se da mesma forma, os estudiosos da História das Idéias Lingüísticas.

Considerando que o objeto histórico desta pesquisa é a idéia sobre Língua de um escritor da primeira metade deste século, convém que se inicie o comentário, recuperando algumas informações a partir de seu antecessor José de Alencar, pois, acredita-se na influência de um tipo de mentalidade sobre outra em consonância com o contexto sócio cultural.

Houve, com José de Alencar, um regionalismo que se pode considerar romântico pela exaltação com que abordava assuntos brasileiros. Um nacionalismo que consistia mais numa atitude política, uma vez que, o que se desejava era, acima de tudo, formar o Brasil como nação independente. E, apesar de nossa língua literária ter adquirido formas e sons maternalmente brasileiros com José de Alencar, este não conseguiu se distanciar dos moldes clássicos portugueses. Mesmo porque caso o fizesse, seria sua obra considerada menor.

Depois da Semana da Arte Moderna - 1922, para que uma obra fosse aceita, deveria ela se distanciar da língua portuguesa de Portugal, buscando representar expressões de uso no Brasil. Prova disso é a afirmação de Renato Carneiro de Campos, quando, num trecho de seu comentário sobre Lobato, afirma que *ele não conseguia fugir do gosto pela frase brilhante e bem trabalhada*. Mas que, apesar disso, *tem o escritor, sem contestação, o seu lugar de destaque*. Os termos 'brilhante' e 'bem trabalhada', a que o autor se refere, dizem respeito ao modelo clássico português.

De acordo com Pimentel (1981), na primeira metade do século XX (1920 a 1945) inicia-se a discussão sobre o que viria a ser a língua literária representativa deste século, em oposição à que representa o século anterior. Para a autora, este período corresponde a uma época caracterizada pela atitude consciente ou não,

em que os escritores assumem uma postura contrária aos padrões tradicionais da língua literária luso-brasileira. Os escritores desse período possuem formas tradicionais, tendo por modelo a ser imitado, aquele apresentado pela literatura portuguesa.

Acredita-se que muitos deles (os que dominam vários idiomas como Monteiro Lobato) têm por modelo a literatura produzida em vários países. Contudo, eles rebelam-se, apoiando autores contemporâneos. E Monteiro Lobato não é exceção nessa atitude impregnada de nacionalismo que resulta em juízos de valor sobre questões de língua, mesmo afirmando o contrário, como nesta carta endereçada a Godofredo Rangel, seu amigo de juventude: *Minha ojeriza contra o 'patriotismo', e o 'nacionalismo' que o Nogueira, o Bilac, o Sura e outros andam a lançar, vem duma coisa organizada em mim: 'Amicus Plato sed magis amica veritas'. Ponho sempre a verdade no topo - e não há verdade possível em nada visto através dos óculos desnaturados de qualquer apaixonamento, hermismo, civilismo etc.* (A Barca de Gleyre, 1961)

De acordo com a mesma carta, o escritor tenta se desvincilhar dos modelos clássicos, mas não ignora que isso não é fácil, admitindo a necessidade de cautela. Seu nacionalismo está implícito nesta busca do uso da língua *luso-verdadeira*, no português de verdade, de Euclides da Cunha, porque *a língua de Euclides já é língua*. Aqui cabe a pergunta: A outra não o é? Há então duas línguas? Como se sabe, a língua que Lobato define como luso-verdadeira corresponde a uma variante da outra. Parece que essas questões não são claras para ele. Fala de língua como se tivesse ocorrido uma ruptura: surge a língua brasileira. Pode-se supor que para Lobato, há a crença de que o português do Brasil é 'língua emprestada', o que não pode ser verdade, uma vez que se trata de língua materna de milhões de brasileiros há quase cinco séculos, como afirma Pimentel (op. cit.). Observe o que diz Lobato a Rangel.

Estou com um pé na Cafra e o outro no ar, a descer com lentidão e medo sobre a língua luso-verdadeira. Como saltar. Hei de saltar. No intento de apressar a coisa, voltei-me para a gramática e tentei refocilar num Carlos Eduardo Pereira (...) Euclides não seria esse fenômeno novo que nos esbarronda, um homem que tem o que dizer, sabe o que diz e o diz - assombro! em português de verdade. Porque a língua de Euclides já é língua. (A Barca de Gleyre, op. cit.: p.50)

No trecho a seguir de uma outra carta endereçada ao mesmo amigo, Lobato assim se manifesta com relação ao movimento modernista de 1922: (...) *Essa brincadeira de crianças inteligentes, que outra coisa não é tal movimento, vai desempenhar uma função séria em nossas letras. Vai forçar-nos a uma atenta revisão de valores e apressar o abandono de duas coisas a que andamos aferrados: o espírito da literatura francesa e a língua portuguesa de Portugal.* E conclui afirmando: (...) *a campanha futurista vai tender para apressar esse*

processo de unificação: voz da terra articulada e grafada na língua das gentes que a povoam. (A Barca de Gleyre, op. cit.)

Comete o escritor um equívoco impregnado de juízo de valor resultante do progresso até então alcançado pelos estudos de língua, e do nacionalismo ainda efervescente no que respeita à libertação dos modelos europeus, quando afirma que *a língua portuguesa não representa o homem brasileiro*. Mas é justamente por refletir sua cosmovisão que se modelou no Brasil uma variante do português. (cf. Pimentel, op. cit.: p. 12)

Neste outro trecho, percebe-se a idéia de que a estrutura da língua relaciona-se aos modos de pensamento e de expressão de uma comunidade linguística, como forma de influência recebida da teoria de Humboldt e de Herder. E, mesmo que as ciências nos fins do século XIX, tenham se desenvolvido com base na ideologia positivista de Augusto Comte (1789 - 1857) e partido para a investigação científica rigorosa, abandonando as considerações filosóficas em busca de uma verdadeira ciência linguística autônoma, isso não impede os preconceitos latentes quando se trata de questões de língua.

Ocorre que a ciência no Brasil da primeira metade do século XX, chega não através dos textos originais, mas de forma estanque e fragmentada, por meio da literatura, representando modismo. Lobato assimila informações sobre língua encontradas aqui e ali, ficando explícito nos dizeres do escritor, conhecimentos dispersos sobre a teoria de Humboldt e de Herder. Como se sabe, o primeiro acredita na relação interna entre língua e o caráter nacional, o segundo defende que cada língua tem sua estrutura própria que reflete e condiciona os modos de pensamento e de expressão do povo que a usa. (cf. Lyons, 1979). Veja o que afirma o escritor: (...) *Porque é estranho isto de permanecermos tão franceses pela arte e pensamento, e tão portugueses pela língua, nós, os escritores, os arquitetos da literatura, quando a tarefa de um escritor é levantar um monumento que reflita as coisas e mentalidade desse País, por meio da língua falada nesse País.*

Numa entrevista é perguntado a Lobato o que acha do romance nacional. E ele responde: *Veio, por exemplo, José de Alencar, com um viveiro de araras e graúnas e índios e até uma virgem morena de lábios de mel, que temos que traduzir para índia cor de cuia, com beijo úmido de saliva.* (...) *Não há mel em lábios de ninguém, como não há linguíça em focinho de cachorro. A fisiologia manda que a língua lamba imediatamente esse mel e o cachorro coma essa linguíça. Mas Alencar tinha muito talento e era de fácil tradução. Ficou. Sempre será lido.* (Prefácios e Entrevistas, 1956)

Nestes trechos de carta a Rangel, o nacionalismo de Lobato se faz presente, juntamente com uma concepção naturalista na definição de língua: *Acho o Eça o culpado de metade do emporcalhamento da língua do Brasil, onde o lido e o*

imitado é só ele, ele e mais ele. Mas Eça progrediu muito no fim. A Ilustre Casa de Ramires já está escrita em língua que se escova os dentes.

Conclui-se, portanto, que Monteiro Lobato deixa entrever em seu discurso, 'marcas' de um nacionalismo herdado de um tipo de mentalidade que vem de gerações anteriores e permanece no comportamento dos homens da primeira metade desse século, resultando em contradições e preconceitos sobre língua, que ainda perduram na mentalidade de muitos estudiosos e professores. Isso faz com que se retome a idéia defendida por Le Goff (op. cit.) de que o tipo de mentalidade se arrasta bem mais lentamente do que caminham os fatos sociais.

Nota

A ortografia dos textos de Monteiro Lobato foi atualizada.

Referências bibliográficas

- AUROUX, Silvain. *A Revolução tecnológica da Gramatização*. Trad. Eni P. Orlandi. Editora da UNICAMP, Campinas, SP, 1992.
- BRIGHT, Willian. *International Encyclopedia of Linguistic Editor in Chief*, vol. 2, New York. Oxford University Press, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 3 ed., RJ.: Forense Universitária, 1987.
- KÖERNER, E. F. K. Bloomington, Indiana. *Revue Internationale pour l'histoire de la linguistique*. International Journal for the History of Linguistics. Advisory Editorial Board Amsteldyk 44 - Amsterdam - Holland, 1974.
- KRISTEVA, Julia. *História da Linguagem*. Trad. Maria Margarida Barahona. Ed. 70 Ltda., Lisboa - Portugal, 1969.
- LE GOFF, Jacques. *As Mentalidades. Uma história ambígua*. In: Le Goff, Jacques e Pierre Nora. *História: Novos Objetivos* (Trad. Terezinha Marinho) 3 ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.
- LYONS, John. *Introdução à lingüística teórica*. Trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel: revisão e supervisão de Issac N. Salum. SP; Ed. Nacional: ED. USP, 1979.
- PINTO, Edith Pimentel. *O Português do Brasil - Textos críticos e teóricos. 2 - 1920/1945. fontes para teoria e história*. RJ.: Livros Técnicos e Científicos; S.P.: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.
- SWIGGERS, Pierre. *Histoire de la pensée linguistique. Analyse du langage et réflexion linguistique dans la culture occidentale de l'Antiquité au XIX siècle*. PUF Linguistique Nouvelle. Presses Universitaires de France, Paris, 1997.

Os Arquivos

- LOBATO, Monteiro, *Prefácios e Entrevistas*. Editora Brasiliense. S.P., 1956.
- _____. *A Barca de Gleyre*. Editora Brasiliense, SP, 1961.